

## A ALTERIDADE NA INTERPRETAÇÃO DE UMA LIVE SHOW COM UMA EQUIPE DE INTÉRPRETES DE SURDO E OUVINTES

Graziele Gomes Fraga <sup>1</sup>

Vinício Nascimento <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Estudos da Tradução da UFSC, submetida, avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética (CEP) em pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), parecer nº 6.016.184 no dia 23 de abril de 2023. Seu objetivo geral é identificar a relação de alteridade do tradutor surdo com a música traduzida, com os outros tradutores ouvintes da equipe e com ele mesmo, em diferentes posições: a de tradutor e a de interlocutor da tradução. Para isso descrevemos e analisamos, a partir de um estudo de caso, alguns fios discursivos presentes na relação dialógica estabelecida pelo tradutor e intérprete surdo, participante da pesquisa em um processo tradutório e interpretativo de músicas para Libras. A pesquisa foi fundamentada na Perspectiva Dialógica de Bakhtin e o Círculo e nos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS). A pesquisa se justifica devido ao cenário atual de aumento da demanda de tradutores e de intérpretes de Libras na esfera artística e o aparente interesse dos surdos nessas produções, também como tradutores. Durante a pandemia as lives musicais permitiram a promoção de traduções para a Libras de músicas e registradas em várias plataformas da internet. O presente trabalho propõe-se a utilizar um desses registros para tentar responder as perguntas: como o tradutor surdo se percebe ao traduzir uma música para Libras, em parceria com tradutores ouvintes? Pode o processo tradutório em uma equipe mista, de surdos e ouvintes, contribuir para o crescimento profissional dos sujeitos envolvidos? A fim de responder a essas questões, adotamos a autoconfrontação, metodologia elaborada pelo linguista Daniel Faïta (1992; 1995), como dispositivo metodológico dialógico que permite ao pesquisador observar como o protagonista da atividade se relaciona, exposto, com aquilo que ele vê de si mesmo. O dispositivo foi utilizado com um tradutor surdo atuante no processo de tradução e interpretação de músicas brasileiras durante uma live realizada no período pandêmico. O corpus é constituído a partir dos enunciados produzidos pelo tradutor durante o processo autoconfrontativo. Para a análise, nos baseamos na relação dialógica do tradutor surdo com a música e com os outros tradutores. Identificamos a relação de alteridade na tradução observando esses enunciados, fenômeno claramente visto por ele mesmo, ao perceber seu desenvolvimento profissional em relação a equipe e a música em Libras. Exploramos de forma aprofundada os princípios da abordagem dialógica da linguagem, influenciada pelos estudos de Mikhail Bakhtin e seu círculo, que destaca a importância da linguagem como um fenômeno dinâmico moldado pelas interações sociais. A análise da categoria “alteridade na interpretação” a partir das falas do participante surdo revelou como esse fenômeno se manifesta em suas escolhas interpretativas. A

<sup>1</sup> Mestre pelo curso de pós-graduação em Estudos da Tradução- UFSC, [grazielegomes.ils@gmail.com](mailto:grazielegomes.ils@gmail.com);

<sup>2</sup> Orientador – UFSCar/UFSC, [nascimento\\_v@ufscar.br](mailto:nascimento_v@ufscar.br)

relação dialógica entre ele e os intérpretes de apoio está marcada por peculiaridades determinantes para o desenvolvimento e reconhecimento dele como sujeito, o participante reconhece a influência da visão do outro, que é o intérprete *feeder* ouvinte, em suas escolhas, entretanto salienta que essa influência contribuiu diretamente para seu reconhecimento e desenvolvimento pessoal. Concluímos que a relação de alteridade em uma equipe mista possibilita um trabalho mais eficiente e significativo para os profissionais e principalmente para o público-alvo.

**Palavras-chave:** Tradutor e Intérprete surdo; Música Popular Brasileira, Análise dialógica do Discurso.

## INTRODUÇÃO

Em decorrência de uma ruptura social devido a pandemia da COVID-19, shows musicais passaram a ser realizados virtualmente de forma massiva para garantir que as pessoas mantivessem o distanciamento social e não perdessem o acesso ao lazer, bem como garantir que artistas continuassem a trabalhar mesmo com o impedimento de aglomerações presenciais.

Na cidade de Fortaleza- Ceará, assim como em outros lugares, algumas bandas realizaram essas lives e uma delas foi de uma banda de forró. A live foi transmitida na plataforma gratuita *Youtube* e foi toda interpretada para a Libras por uma equipe composta por profissionais ouvintes e um profissional surdo. A primeira autora deste trabalho foi uma das intérpretes ouvintes que atuou na equipe.

Ao acompanhar questões levantadas pelo tradutor e intérprete surdo nas discussões sobre as traduções das letras das músicas surgiu o questionamento a respeito de como as músicas chegavam a esses sujeitos e sobre quais seriam as possibilidades tradutórias para atender e adaptar as questões culturais envolvidas no processo de transposição de línguas de modalidades distintas.

Com o intuito de responder essas questões, desenvolvemos a pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC).

Este resumo expandido apresenta um recorte desta pesquisa (FRAGA, 2023) que teve como objetivo principal analisar as relações dialógicas entre um tradutor e intérprete surdo com sua própria atuação. Para fundamentar a pesquisa adotamos a Perspectiva Dialógica de Bakhtin e o Círculo (1895-1957) e os estudos da tradução e interpretação da língua de sinais (ETILS). Neste texto apresentamos uma das

categorias de análise emergidas durante o processo autoconfrontativo, baseada no conceito bakhtiniano de alteridade.

Na teoria bakhtiniana, a concepção de linguagem se embasa nas dimensões sociais, históricas, ideológicas e internacionais. Em suas obras os autores enfatizaram a natureza social e dialógica da linguagem, destacando que a linguagem é fundamentalmente uma atividade social enraizada nas interações entre os sujeitos.

Em um processo tradutório, por essa perspectiva, o sujeito que traduz, faz parte dessa relação dialógica de forma ativa, mantendo uma relação com ele, com o outro e com o discurso. A atuação de Tradutores e Intérpretes de Libras - Língua Portuguesa está para além da mediação de determinada comunicação entre duas línguas distintas buscando correspondências linguísticas: seu trabalho também promove o reconhecimento e o espaço dos surdos em uma sociedade majoritariamente ouvinte e que desconhece a Libras e seus falantes.

Pesquisas como de Santiago (2021), que questionou a relação de alteridade entre surdos e ouvintes em prol do reconhecimento desses profissionais intérpretes e guia-intérpretes como éticos frente a responsabilidade que assumem nessa relação e os discursos impulsionados pelos dilemas enfrentados, nos provoca a pensar nessa relação tensa entre esses sujeitos, mas, em contrapartida, podem trabalhar juntos por compartilharem o mesmo interesse em relação ao acesso à comunidade surda.

Fomin (2018a, 2018b, 2020) discute questões subjetivas implicadas na atuação desses profissionais na esfera artística, como autoria, verbo-visualidade e seu lugar ideológico. Essas discussões abarcam também profissionais intérpretes surdos, visto que no cenário que se configura, percebemos o crescimento de surdos tanto consumindo esse tipo de produção como também atuando como tradutores intérpretes.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa aqui descrita foi submetida, avaliada e aprovada também pelo Comitê de Ética (CEP) em pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), parecer nº 6.016.184 no dia 23 de abril de 2023.

Neste estudo, adotamos uma abordagem dialógica que se configura como descritiva e interpretativa do *corpus* discursivo, material resultante da fala espontânea

obtida a partir de entrevista autoconfrontativa, procurando entender como o surdo se relaciona com a música traduzida para a Libras em duas diferentes posições: 1. como tradutor, ou seja, fazendo parte do processo de construção do texto traduzido; 2. como interlocutor, isto é, como alguém que também é público da tradução e que para assumir a posição de tradução assume, no contexto analisado, antes, uma posição ativa de usuário da tradução e interpretação. No contexto aqui desenhado, ele é sujeito ativo, participativo do processo de descontextualização e (re)contextualização, que segundo Farias (2016, p. 157), no contexto de uma autoconfrontação “corresponde exatamente a submeter sequências da situação de trabalho vivida a uma segunda situação na qual ela se torna o objeto de “uma atividade crítica de redescoberta, de apreciação, de comentário”.

A autoconfrontação é um dispositivo metodológico dialógico elaborado pelo linguista francês Daniel Faïta (1992-1995) e seu uso desta pesquisa tem como objetivo proporcionar um encontro do tradutor surdo consigo mesmo a partir de sua atuação como tradutor .

Vieira (2004, p. 10-11) esclarece:

É um dispositivo de análise que permite refletir experiências práticas como um espaço privilegiado de produção de um saber operacional [...] em dois níveis da produção de sentido, da própria atividade realizada e da representação que o protagonismo faz da atividade.

O intuito é que o tradutor surdo, ao analisar seu trabalho, registrado em vídeo, discorra sobre o que ele pensa da atividade feita por ele e nos forneça material para compreender de que forma ele se relaciona com a equipe, tendo participado do processo tradutório, mas que nesse momento ele se distancia do papel de interlocutor-tradutor, nos permitindo analisar a relação de alteridade com os outros tradutores.

Nossa pesquisa seguiu as fases da autoconfrontação que é: 1. Observar o contexto da tradução original. 2. Gravar os profissionais em seu local de trabalho, atuando. 3. Restituir o coletivo de trabalho. Correspondentemente, a observação do contexto original se deu com a participação de uma das pesquisadoras no processo tradutório e quando compôs a equipe de intérpretes no dia da *live*, a gravação da *live* foi feita pela produtora do evento e disponibilizada no canal do *Youtube*. Essa pesquisa, nesse sentido, é um desdobramento da experiência de interpretação da segunda autora em uma *live* show durante o período pandêmico.

Escolhemos trechos da *live* que o tradutor surdo atuava, agendamos um dia para que se assistisse com suporte de um computador, ao mesmo tempo que fazia comentários que eram registrados simultaneamente com a ajuda de equipamentos de gravação de vídeo. A restituição aconteceu com o agendamento de um encontro com o participante para apresentar o resultado da pesquisa e o envio da dissertação depois de concluída e aprovada pela banca examinadora.

Todo o vídeo com a fala do participante foi traduzida para o português escrito pela pesquisadora, em seguida observamos e analisamos os enunciados do sujeito sobre sua atividade, esperando o que a Autoconfrontação se propõe a fazer, “favorecer a vivência da dialogicidade profissional, em que emergem informações sobre os conflitos, as dissonâncias e as concordâncias sobre a atividade de trabalho” (PEREZ; MESSIAS, 2013, p 87).

A materialidade enunciativa do discurso do participante, traduzida para o português, foi dividida em excertos para que pudéssemos analisá-las, baseando-nos nas teorias e estudos que percorrem toda esta pesquisa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Na teoria bakhtiniana, o conceito de sujeito é profundamente influenciado pela noção de dialogismo e pela importância das interações sociais e linguísticas. Bakhtin e o Círculo argumentam que o sujeito não é uma entidade isolada, mas é formado e moldado em constante interação com outros sujeitos e com o contexto social e cultural. Ele enfatiza a natureza dialógica da linguagem, na qual as palavras e significados são construídos em um contexto de diálogo constante com os outros.

O sujeito passa a ser moldado pela linguagem e pelo discurso, ao passo que ocorre interação com o outro e sua identidade individual é reconstruída constantemente. Como Fomin (2018 p. 29) aborda, essa individualidade e singularidade tanto constitui como é constituída “pela cultura, que assina e valora na relação com o outro. Ou seja, cada relação dialógica contribui para a formação da identidade do sujeito, e essa identidade é sempre relacional e contextual”.

Além disso, Bakhtin introduz o conceito de heteroglossia, que se refere à multiplicidade de vozes e discursos presentes em qualquer contexto social. Entendendo que todo enunciado é uma resposta e que ele faz parte de uma rede

discursiva, tudo o que dizemos é influenciado por outros dizeres antes produzidos. Doravante os enunciados tanto partem de algo dito antes como também provocam respostas, é o que podemos observar a seguir:

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim, é todo diálogo vivo (BAKHTIN, 2002, p.89).

O sujeito, portanto, é influenciado por essa diversidade de vozes, o que resulta em uma identidade complexa e multifacetada. Essas vozes só se fazem presente por meio da interação, pois, de acordo com Brait (2005), na perspectiva construída por meio desse coletivo de intelectuais só é possível compreender como a linguagem funciona na vida real e concreta. A linguagem, nessa cosmovisão, é um fenômeno social que é criado e moldado por meio de interações sociais. Em outras palavras, a linguagem é uma forma de diálogo que acontece entre as pessoas e que é influenciada pelas circunstâncias específicas nas quais ocorre. Um dos conceitos centrais da perspectiva dialógica de Bakhtin e seu círculo, é o de "voz". Nessa perspectiva, a abordagem enfatiza que a linguagem é um fenômeno social que é criado e moldado por meio de interações sociais. O significado das palavras e das expressões é moldado pelo contexto social e histórico no qual são utilizados e o lugar no qual se fala pode ter diferentes significados. Compreender a linguagem na vida real, exige uma abordagem dialógica que leve em consideração o contexto social e histórico no qual ocorre a comunicação.

Pela concepção bakhtiniana cada pessoa tem uma voz única que é influenciada pelo contexto social e histórico no qual está inserida. A voz de uma pessoa não é simplesmente a sua individualidade, mas sim a sua conexão com a cultura e a história. Ou seja, o lugar no qual se fala pode ter diferentes significados porque a linguagem é moldada pela cultura e pelo contexto social no qual é utilizada.

Dentro de um contexto polifônico, cada voz é autônoma e possui sua própria autoridade, perspectiva e intenção. Essas vozes podem pertencer a personagens em um texto literário, a diferentes falantes em um discurso jornalístico ou a diversas fontes de informação. O diálogo entre essas vozes cria tensões, ambiguidades e significados múltiplos, enriquecendo a complexidade do discurso.

A polifonia destaca a natureza dinâmica e interativa da linguagem, onde os significados não são fixos, mas emergem das interações entre as vozes presentes. Cada voz polifônica traz consigo suas próprias intenções e perspectivas, contribuindo para a construção do significado global do discurso. Este conceito é particularmente relevante para análises literárias, estudos culturais e crítica textual, onde a multiplicidade de vozes é valorizada e examinada para entender as camadas de significado e as complexidades nas obras.

Em sua atuação, o tradutor está lidando diretamente com enunciados. Dependendo de quem diz, de onde está sendo dito e para quem está sendo dito o sentido pode sofrer inúmeras alterações. Assumimos o termo enunciado a partir do seu conceito, ou seja, um ato discursivo que vai para além da dimensão verbal. Embora cada ato seja individual ele acontece em determinado campo, o que Bakhtin (2016) chama de gêneros do discurso. Para ele, todos estes “campos estão ligados ao uso da linguagem” (p.11).

A linguagem não se dá num vazio, as vozes dos sujeitos nos enunciados se fazem presentes a partir da sua concretude. Na teoria bakhtiniana o indivíduo se constrói e constrói sentidos discursivamente apenas na interação com o outro em uma específica atividade humana. Surge nessa interação a constatação que ninguém pensa algo do nada, ou que o ineditismo seja possível. Isso nos faz lembrar outro conceito discutido por Bakhtin e o círculo que é a polifonia.

Ao pensar no profissional intérprete, podemos dizer, que ele está praticando uma fala polifônica. A começar por estar repassado a fala de um outro indivíduo, mas que é atravessada pelas suas vozes interiores e que pode ser alterada a partir do *feedback* do indivíduo surdo ao entender ou não aquele discurso específico.

A interpretação se configura como um ato complexo envolvendo o uso da linguagem, pois ela possibilita que o profissional se depare com vários discursos convergindo com o seu próprio.

Podemos compreender que o princípio dialógico da linguagem parte de uma abordagem social, ou seja, compartilhar com o outro ideias. Para um profissional intérprete o desafio é lidar com a ideia do outro, sem interferir deliberadamente nela, de forma proposital para benefício próprio, por exemplo.

Por esse lado, faz-se necessário que o tradutor, inicialmente, tenha consciência do seu papel, frente a determinado evento comunicativo. Tratando de música



especificamente, é preciso uma análise aprofundada sobre a sua natureza. Considerada como uma manifestação cultural, a música carrega em si aspectos sociais que precisam ser levados em consideração no ato tradutório. Freitas *et al* (2015, p. 3) dizem que ela “exerce um papel fundamental na sociedade e retrata a história e costumes de um povo”. Ou seja, sabemos que a música possui intenções e objetivos específicos e não é de admirar que embora seja um campo de atuação em expansão, ainda apresente um grau de dificuldade significativo para a maioria dos tradutores e intérpretes de Libras, devido “às complexidades e vicissitudes da esfera artístico-cultural” (BRITO; NASCIMENTO, 2021, p. 176).

Como a atividade na qual esta pesquisa se debruçou trata-se de um processo tradutório e interpretativo em equipe, utilizamos o conceito bakhtiniano da alteridade. É importante esclarecer que na concepção de linguagem de Bakhtin e o Círculo, a constituição intersubjetiva é extremamente importante, pois o mundo da concretude é “organizado e vivenciado por valores do eu e do outro em três dimensões, sendo, ‘eu para mim, eu para o outro e o outro para mim’” (OLIVEIRA, 2018, p. 172). Isso quer dizer que os valores de dada sociedade são definidos pelos diversos tipos de relações sociais. O tradutor está inserido diretamente nessa relação e essa alteridade é importante para a construção do eu, que segundo Bakhtin (2016), é inacabado e incompleto. Nesta pesquisa nos apoiaremos nessa concepção ao analisar os discursos enunciativos do tradutor surdo, entendendo que ele é movido por valores sociais mediante sua relação com o outro, ou seja, a relação do tradutor surdo com os outros tradutores da equipe, com a música e a ideologia que carrega. Ou seja, as várias vozes dessa relação dialógica.

Pesquisas como de Santiago (2021), que questionou a relação de alteridade entre surdos e ouvintes em prol do reconhecimento desses profissionais intérpretes e guia-intérpretes como éticos frente a responsabilidade que assumem nessa relação e os discursos impulsionados pelos dilemas enfrentados, nos provoca a pensar nessa relação tensa entre esses sujeitos, mas, em contrapartida, podem trabalhar juntos por compartilharem o mesmo interesse em relação ao acesso à comunidade surda.

Fomin (2018a, 2018b, 2020) discute questões subjetivas implicadas na atuação desses profissionais na esfera artística, como autoria, verbo-visualidade e seu lugar ideológico. Essas discussões abarcam também profissionais intérpretes surdos, visto



que no cenário que se configura, percebemos o crescimento de surdos atuando como tradutores intérpretes.

Podemos então, definir essa atuação como um trabalho colaborativo que propicia crescimento para ambos os lados além da possibilidade de se reconhecerem na posição que ocupam.

Diversos trechos da autoconfrontação apresentam essa relação consciente da parte do participante, do eu para outro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um trabalho de interpretação, normalmente, o profissional atua com uma ou mais pessoas, também intérpretes para apoio e revezamentos (NOGUEIRA, 2016; NOGUEIRA, NASCIMENTO, 2022). Podemos então dizer que este indivíduo possui uma relação dialógica com o falante da língua fonte, o falante da língua alvo (quando esse se faz presente e consegue dar um *feedback*) o profissional intérprete que o apoia, o texto (neste caso, uma produção vocal) e ele mesmo.

Essas múltiplas relações estão marcadas por peculiaridades determinantes para o desenvolvimento e reconhecimento do sujeito. Para Bakhtin e o Círculo, é através da relação com o outro que o sujeito pode se reconhecer enquanto humano e se posicionar em uma situação enunciativa.

A forma do vivenciamento concreto do indivíduo real é a correlação entre as categorias imagéticas do *eu* e do *outro*, e essa forma do eu, na qual vivencio só a mim, difere radicalmente da forma do *outro*, na qual vivencio todos os outros indivíduos sem exceção. O modo como eu vivencio o meu próprio *eu* do outro difere inteiramente do modo como vivencio o meu próprio *eu*; isso entra na categoria do *outro* como elemento integrante, e essa diferença tem importância fundamental tanto para a estética quanto para a ética. (BAKHTIN, 2011, p. 35)

Estamos falando aqui de uma relação fundamental entre o *eu* singular e todo o resto externo. As posições, pensamentos, expressões assumidas e produzidas pelos sujeitos, evidenciadas concretamente por meio de enunciados, são divergentes devido às formas como cada um vivencia o seu “próprio eu”, mas ao mesmo tempo se integram e se conectam porque, como diz Bakhtin, o eu só é completo a partir da extraposição que o outro tem em relação a ele. Como dito, o profissional intérprete, atuando no contexto especificado, está em constante contato com esses enunciados, que podem divergir com a forma que pensam, mas ao mesmo tempo se integra a sua

forma. A sua função é transpor enunciados de uma cultura para outra, mas para que isso aconteça ele precisa ter uma compreensão ativamente responsiva, que, por sua vez, não é isenta de valoração pessoais.

Quando falamos de uma interpretação feeder, definida por Almeida e Russo (2014) como uma interpretação simultânea onde equipes compostas por profissionais surdos e ouvintes trabalham com uma “interpretação indireta, ou seja, alguém serve como fonte para interpretação de outro intérprete”, essa relação ganha características ainda mais delicadas. Todos os enunciados verbais chegam ao intérprete surdo por meio de uma outra interpretação que, primariamente é intermodal (do português para a Libras) e, depois, intramodal (da Libras do intérprete ouvinte para a libras do intérprete surdo).

Categorizamos os trechos apresentados mais a frente como “alteridade”, por percebermos nas falas do participante momentos em que ele reconhece uma influência da visão do outro, que é o intérprete *feeder* ouvinte, em suas escolhas. Podemos dizer que essa percepção parte de um movimento exotópico também, no qual tradutor surdo busca entender algo a partir do lugar do outro e ao voltar para si, percebe um excedente de visão nas suas construções. Entretanto, nos chama a atenção quando ele assume a importância dessa interação com o outro, inclusive para seu crescimento:

Excerto 13'57 – 15'45

*Agora sim, sinto que minha interpretação melhorou muito. Certamente porque eu já conhecia a música, tínhamos traduzido antes. Foi uma das músicas que mais estudamos. As outras, fizemos estudos mais rápidos devido ao tempo que tínhamos... Eu acredito que ao conhecer a música. Por isso mesmo você deve ter me convidado para participar da equipe, porque iríamos estudar, eu conheceria as músicas e conseguiria interpretar porque estaria confortável.*

O contato prévio com a música e a compreensão sobre o que se tratava a música foi fundamental para a segurança do tradutor surdo, mas esse processo foi possível com a troca entre a equipe, o estudo, a discussão sobre a música, dizer o que cada um pensava e entendia.

Fica evidente a preocupação do tradutor com a qualidade do seu trabalho quando ele reforça a importância do estudo prévio e a troca com os outros profissionais.

Bakhtin fala sobre compreensão responsiva ativa, ou seja, a compreensão designa uma ação, quando proferimos algo o fazemos presumindo como reagirá seu

destinatário e sua resposta. O participante, por ser surdo, por ter uma visão de mundo peculiar, singular, diferente dos outros intérpretes ouvintes, pensa em construções, léxicos que poderá chegar na compreensão de um interlocutor também surdo que possui a mesma experiência de mundo que ele, no caso, tem acesso ao mundo pelo canal visual, não auditivo. Ao mesmo tempo que os intérpretes ouvintes tem um conhecimento linguístico profundo da língua fonte e cultural do produto interpretado, a música.

Somos seres que carregamos em nossos discursos uma visão do outro, em consequência de diálogos. As músicas foram estudadas e pensadas coletivamente, a partir daí o participante pôde tomar decisões a partir do que julgava fazer mais sentido na língua de chegada, mas levando em consideração a discussão com os outros intérpretes.

Entendemos isso, quando o tradutor surdo percebe a melhoria na qualidade da interpretação da música ao passar por um processo de estudo e preparação com os ouvintes, que possui uma relação com a música mais profunda, visto fazer parte da sua cultura. Pires (2002) lembra a importância dessa interação:

Bakhtin esboçou uma nova interpretação da cultura que a coloca como uma composição de discursos que retêm a memória coletiva e em relação aos quais é necessária uma tomada de posição. É essa interação dialógica e opinante que gera movimento e transformações, afastando do sujeito o assujeitamento. (p. 42)

O participante, mesmo em posição diferente dos outros profissionais, por ser surdo e não possuir essa mesma relação com a música, exerceu um papel muito importante nesse processo ao trazer suas concepções a partir do local que ocupava, a mesma do público-alvo. Mas assume que seu desenvolvimento e o resultado do seu trabalho se deram pela interação com o outro:

Excerto 02'23 – 04'01

*Por isso, eu precisei depender completamente de um intérprete ouvinte porque fazia parte da cultura deles [...] por isso eu penso na importância desse tipo de trabalho ser feito sempre em parcerias de surdos e ouvintes. Para o surdo, há a questão da cultura dele internalizada, domínio linguístico de termos, gírias e metáforas. E da mesma forma, para os ouvintes.*

O participante é um surdo congênito, único acesso direto que ele tinha com o que acontecia no dia da live, eram as letras das músicas que tínhamos estudado antes. Mas a cantora fazia agradecimentos, mandava recado, errava a letra da música, incluía músicas que não estavam no repertório passado para a equipe e por isso ele se

percebia completamente dependente do intérprete *feeder*, mas percebemos no trecho acima, que ele vai além. Ele fala sobre questões culturais. Ele, como surdo, se põe de um lado oposto quando diz “*faz parte da cultura deles*”. Contudo, ainda assim, diz ser um trabalho possível se houver parceria. Ele assume um posicionamento valorativo quando diz que é importante a participação do surdo pela compreensão de mundo que o surdo tem e domínio da língua de sinais, mas em seguida diz “*e da mesma forma para os ouvintes*”.

Os fundamentos bakhtinianos giram em torno exatamente dessa relação dialógica entre as pessoas. Pires (2002) parafraseia Bakhtin e lembra que a linguagem é uma prática social, tendo a língua com sua materialização não como um “um sistema abstrato de formas linguísticas à parte da atividade do falante” (p. 37) ao contrário, ela surge e se modifica em coletivo, pelos falantes, e é um “processo evolutivo ininterrupto”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa pesquisa podemos concluir que a interpretação para Libras na esfera artístico e cultural vem se solidificando no campo dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais. Contudo há questões que ainda precisam ser aprofundadas como a participação de surdos tradutores e intérpretes nesse processo, entendendo que o crescimento se faz coletivamente.

Após este estudo foi possível inferir que é na relação entre os sujeitos da comunicação e a interação constante entre eles que se constrói sentidos e nessa relação, o outro é afetado, pois ele passa a ser um sujeito que se reconhece naquele meio.

A análise das falas do participante revelou como a alteridade se manifesta em suas escolhas interpretativas. Sua dependência do intérprete *feeder* ouvinte, especialmente quando não estava familiarizado com o conteúdo, destacou a importância do conhecimento prévio a partir da discussão em equipe. Percebemos que a relação entre o eu (tradutor surdo) e o outro (tradutores ouvintes) no processo, o diálogo sobre as escolhas adequadas e as experiências singulares e coletivas, influenciaram diretamente nas escolhas interpretativas do profissional surdo. Por isso

destacamos a importância de reconhecer e celebrar a diversidade de vozes que contribuem para esse processo.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética.** A teoria do romance. 5 ed. Tradução de Aurora F. Bernadini *et al* São Paulo: Editora Hucitec, 2002. p.71-164.

BAKHTIN, M. **Gêneros do discurso.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção de sentido.** 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p. 87-107

BRITO, I. M. O. NASCIMENTO, V. A atuação do intérprete de libras em lives musicais durante a pandemia de covid-19: realidades e perspectivas. In: GONTIJO, Túlio; MARQUES-SANTOS, Lucas; BARROS, Solange (org.). **Discussões sobre os estudos de tradução e interpretação e a atuação dos TILS no Brasil.** São Paulo: Pontes Editores, 2022. Cap. 9. p. 175-192.

FARIAS, A. L. G. **Análise de diálogos de autoconfrontação: relações dialógicas e transformação na atividade linguageira de professores estagiários de francês sobre sua atividade docente.** 2016. 446 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

FAÏTA, D. **Autoconfrontação e formação de professores: diálogos e contribuições.** [Entrevista concedida a] Elisandra Maria Magalhães. Tradução de Elisandra Maria Magalhães, Aline Leontina Gonçalves Farias, Rozania Maria Alves de Moraes. Revista Linguagem em Foco, v.13, n.3, 2021. p. 189-216. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/6787>

FOMIN, C.F.R. **O tradutor intérprete de Libras no teatro: a construção de sentidos a partir de enunciados cênicos.** 2018a. 250f. Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21782>>. Acesso em 07 de novembro de 2023

FOMIN, C. F. R. **Verbo-visualidade e seus efeitos na interpretação em Libras no teatro. Bakhtiniana.** Revista de estudos do discurso, vol. 13, pp. 142-64, 2018b. Disponível em: <<https://re-vistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/35806>>. Acesso em 07 de novembro de 2023

FOMIN, C. E. R. **A interpretação para Libras no teatro: do preparo ao posicionamento em cena.** In: RIGO, N.S. (org.) Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em Libras. Petrópolis: Arara Azul, 2020. pp. 94- 125. Disponível em: <<https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/20>>. Acesso em 07 de novembro de 2023

FRAGA, Grazielle Gomes. **Relações dialógicas entre um tradutor e intérprete surdo e a sua atuação: um estudo de caso sobre o trabalho em equipe na tradução e**

**interpretação de músicas populares para a libras.** 2023. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal do Ceará, Florianópolis, 2023.

Freitas et al. **A contribuição da música na construção do conhecimento na educação infantil.** Revista Pedagogia em Ação, v. 7, nº 1. 2015

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. **Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda.** Percursos Linguísticos: Dossiê: Tradução & Transformação Social, Vitória, v. 9, n. 21, p. 105-132, 2019.

OLIVEIRA, M. B. F. **Linguagem e Alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin.** Eutomia. Recife. 2018.

PEREZ, D.; MESSIAS, C. **O dispositivo metodológico e interventivo autoconfrontação e seus usos em pesquisas de educação.** Nuances: estudos sobre Educação, [s.l.], v. 24, n. 3, p.81- 100, set./dez. 2013. Disponível em:  
<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2699>

PIRES, V. L. **Dialogismo e Alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin.** Organon, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002.

VIEIRA, M. A. M. **Autoconfrontação enunciativo discursivo e análise do trabalho psiquiátrico.** Intercâmbio, Mato Grosso, p. 1-15, jun. 2004. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3994/2642>

SANTIAGO, Vania de Aquino Albres. **Palavras vozes e memórias discursivas sobre ética do tradutor e intérprete de língua de sinais.** 2021. 270 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Puc/SP, São Paulo, 2021